

3

ARTE EM DIÁLOGO

criação, produção, processo...



Manfredo de
Souzanetto



MNBA
Museu Nacional de Belas Artes

**Arte em Diálogo:
Criação, Produção, Processo...**

Manfredo de Souzanetto

Dezembro de 2007

Arte em Diálogo

Edição N. 3

Organização:

José Luiz Nunes
Coordenadoria de Comunicação

Coordenação:

Rossano Antenuzzi de Almeida

Seção de Educação:

Rossano Antenuzzi de Almeida
Angela Cirene Telles
José Rodrigues Neto

Transcrição das palestras:

Camila Dazzi e Dandara Renault Macedo

Projeto gráfico:

Egeu Laus
Marcelo de Oliveira (apoio)

Fotos da palestra:

José Rodrigues Neto

Agenda/Audio e Vídeo:

Guilherme Guimarães, Jorgival Freire e Sergio Alcantara

Imagem da capa:

"Interior de ateliê" de Rafael Frederico
Acervo MNBA - Iphan/MinC

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca/Mediateca "Araújo Porto Alegre" do MNBA

M986 MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES, Rio de Janeiro. *Arte em Diálogo: Criação, produção, processo...* Apres. Mônica F. Braunschweiger Xexéo. Org. José Luiz Nunes. Rio de Janeiro: 2008. v. 3, 28 p., il. p/b.

ISBN 978-85-7081-042-7

Palestra e debate com o artista Manfredo de SouzaNetto em dezembro de 2007.

1. Arte contemporânea - Brasil. 2. SouzaNetto, Manfredo de (1947-).

I. Título

CDD 709.04981

**Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva**

**Ministro de Estado da Cultura
Gilberto Passos Gil Moreira**

**Presidente do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Luiz Fernando de Almeida**

**Diretor do Departamento de Museus e Centros Culturais
José do Nascimento Junior**

**Diretora do Museu Nacional de Belas Artes
Monica Figueiredo Braunschweiger Xexéo**

Arte em Diálogo

Arte em Diálogo é um projeto desenvolvido para discutir a produção contemporânea brasileira, suas interfaces e linguagens. Tem como objetivo apresentar ao público, através de debates e palestras, o artista, a sua produção e seu fazer artístico. Analisar o acervo pertencente ao Museu Nacional de Belas Artes/IPHAN/MinC que, encontra-se em exposição na Galeria de Arte Moderna e Contemporânea.

Nos últimos anos, o Museu Nacional de Belas Artes/IPHAN/MinC vem buscando a construção de um inventário da nossa produção contemporânea, sem esquecer, no entanto, a sua responsabilidade no cenário das artes visuais brasileira e de sua preciosa coleção de obras de século anteriores. Este legado permite o desenvolvimento com maturidade de sua missão institucional. Cria conexões entre o passado e o presente, projetando para o futuro a memória de uma nação e a preservação da cultura brasileira.

O terceiro número da publicação – Arte em Diálogo – é dedicado ao artista **Manfredo de Souzaanetto** - escultor, desenhista, gravador e pintor - seus múltiplos caminhos e transformações. Natural de Minas Gerais, Manfredo, transita entre as mais diversas formas de expressão, trazendo lembranças de sua terra natal, para seus intrigantes e inconfundíveis trabalhos. Sua experiência européia foi decisiva para a maturidade de sua trajetória artística.

Esta edição foi elaborada, a partir de projetos institucionais, desenvolvidos com recursos do Plano de Ação 2007, do Ministério da Cultura.

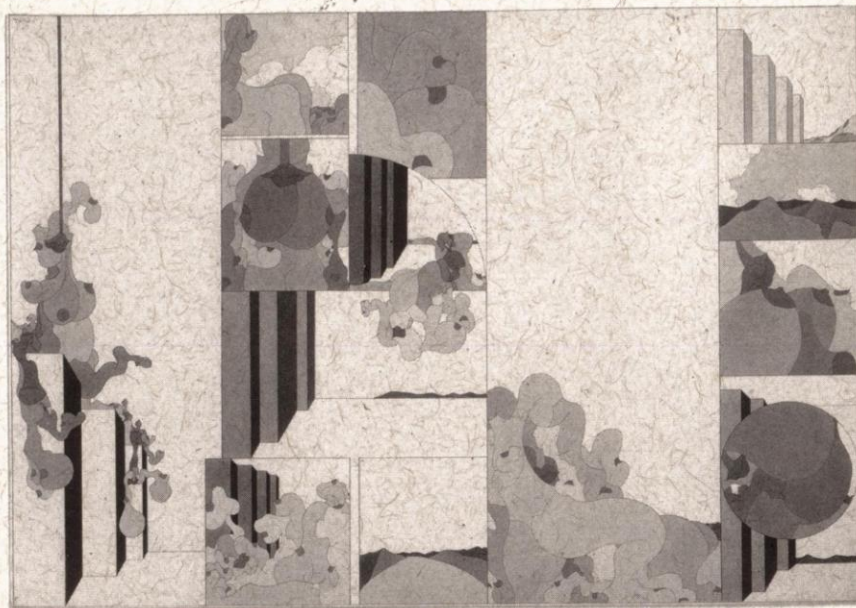
Mônica F. Braunschweiger Xexéo

Diretora do MNBA/IPHAN/MinC



s.t. - 1968 - tinta gráfica e carvão sobre papel - 60 x 85 cm

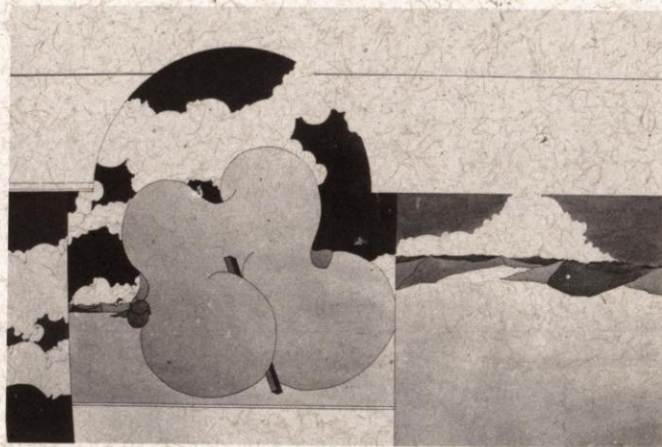
Minha infância foi vivida no Vale do Jequitinhonha no Norte de Minas Gerais, aquela região que se estende do sul da Bahia até o Vale do Mucuri. O Vale tem aquela beleza muito grande com enormes pedras de granito, extremamente diferente da Minas que conheci posteriormente, da região de Belo Horizonte, do ouro, das montanhas de minério de ferro e do Barroco. Toda essa parte da minha existência foi impregnada pela vida rural; os ceramistas e fabricantes de tijolos e os carpinteiros e marceneiros construtores de currais, casas e balsas. Tudo isso ecoa em meu trabalho, essa artesanidade, através dos pigmentos de terras naturais, das esculturas em madeira e cobre impregnando a construção e a forma da minha obra. Em novembro de 1967 mudei do Vale para Belo Horizonte, começando assim um tempo de descobertas: ia a todas as lojas de decoração, galerias e espaços culturais até chegar à Escola Guignard onde estudei em 1969 e 1970. De 1972 a 1975 cursei a Escola de Arquitetura da Universidade Federal e depois, após o 1º Prêmio do Salão Nacional de Arte Universitária de Belo Horizonte, vivi em Paris de 1975 a 1979, onde cursei a Escola Nacional de Belas Artes. Em 1981 me mudei para o Rio de Janeiro onde conclui o curso de Belas Artes na Universidade Federal.



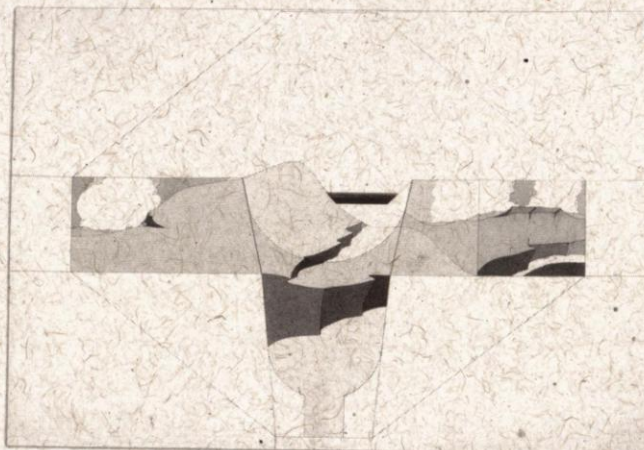
s.t.- 1972 – ecoline e nanquim sobre papel – 70x100 cm

Comecei a participar dos Salões de Arte primeiro em Belo Horizonte, depois no Brasil inteiro. Cheguei a ganhar dezessete prêmios em salões; dentre eles um foi muito importante o 1º Prêmio do Salão Nacional de Arte Universitária, em 1974, que me permitiu ir estudar na França. Eu que havia saído do norte de Minas em 1967, em 1975 estava morando em Paris, convivendo com o circuito internacional de arte e longe da repressão política e cultural predominante no Brasil da época. Outro prêmio importante foi o de Viagem ao Exterior do VIII Salão Nacional de Artes Plásticas em 1985, mas aí eu já tinha morado na Europa por mais de quatro anos e já vivia no Rio de Janeiro desde 1981.

Até 1976 meus trabalhos utilizavam basicamente o papel como suporte sendo o desenho e suas variantes a técnica empregada. Já naquela época procurava modificar os materiais que usava, mesclando lápis de cor moído com aquarela, misturando ecoline com guache, utilizando pastel seco ou oleoso, fazendo experiências. Eu já tinha, então, todo um interesse pela pesquisa das técnicas, pelo domínio do material para poder utilizá-lo em toda a sua potencialidade.



s.t.- 1972 – ecoline e nanquim sobre papel – 75x1005 cm



s.t.-1973 – aquarela e nanquim sobre papel – 70x100 cm

Esse trabalho, no início, girava em torno do corpo humano, com formas arredondadas e sensuais e cores vibrantes. Estabelecia uma relação do humano e da arquitetura gerada pela impressão inicial que tive da verticalidade das construções, quando da minha chegada a Belo Horizonte. Aos poucos a paisagem das montanhas, seus contornos e relevos; que era tão diferente da paisagem do norte de Minas; começou a entrar como fundo no desenho e se tornou pouco a pouco o tema central da obra. A realidade se impôs através da contundência de sua utilização econômica e de todo aquele processo de dilapidação e destruição perpetrado pelas companhias mineradoras.

E o meu trabalho tomou outro rumo, direcionado para a ecologia; que naquela época não existia como vocabulário nem como preocupação da sociedade. A destruição do meio ambiente não era cogitada como problema nem essas questões tinham ainda, sido colocadas de uma maneira tão preponderante como o são hoje.



"É proibido arrancar ou danificar montanhas" - 1975 - fotografia.

Comecei documentando essa paisagem e utilizando as fotos como inspiração para os desenhos ou em projeções audiovisuais e mais tarde intervindo diretamente, criando novas situações e propondo outras. Em um parque criado ao lado da Serra do Curral, Parque das Mangabeiras, existiam grandes placas onde se lia: "É proibido arrancar ou danificar as árvores". Em um determinado momento modifiquei todas as palavras "árvore" por "montanhas", ficando: "É proibido arrancar ou danificar as montanhas", porque se protegia a árvore, mas a montanha que era seu suporte estava sendo minerada e levada embora.

Quando fiz minha primeira exposição individual em 1974 que se chamou *Memória das coisas que ainda existem*, lancei um mote através do adesivo plástico: "*Olhe bem as montanhas*", que era uma divulgação da mostra e também um apelo ao público para a situação catastrófica da paisagem. Isso catalisou um anseio latente das pessoas e o sticker teve uma

aceitação imediata tomando conta da cidade, sendo colocado no vidro dos carros e tendo repercussão nos meios de comunicação. Aquilo que estava à vista de todos e não era percebido se tornou evidente, configurando um problema. Não só pela desfiguração da moldura da cidade – A Serra do Curral – mas pelos problemas de saúde, a destruição das nascentes e a poluição do ar. Uma questão local se tornou nacional através de reportagens da revista Veja, de jornais como O Estado de São Paulo, A Folha de São Paulo o Pasquim e claro dos jornais locais.

OLHE BEM AS MONTANHAS...

"Olhe bem as montanhas" – 1974 – adesivo plástico

Em Paris, no primeiro ano escolar 1975/76 estudei fotografia na Escola Louis Lumière e passei a utilizar esta técnica como suporte para as intervenções pictóricas e conceituais na paisagem. Em momentos anteriores eu já a havia utilizado como suporte documental da paisagem em torno de Belo Horizonte e que servia como modelo para a criação de desenhos e áudio visuais. A fotografia era, naquele momento, muito mais um suporte documental do que a obra em si. Aliás, nos anos 1970, ela não tinha essa preponderância como linguagem artística que tem hoje; era mais uma linguagem documental.

Voltando ao Brasil, no início dos anos 1980 continuei a fazer este trabalho em Juiz de Fora e nos arredores de Belo Horizonte. E foi aí que descobri a cor da terra, a cor da paisagem que eu tentava reproduzir através de tintas industriais, ela simplesmente já estava lá na terra, pronta para ser utilizada. É quando começo a levar essa terra para o ateliê e preparar os pigmentos e utilizá-los na pintura. Então, meu trabalho que era um trabalho sobre a representação da paisagem, sobre a paisagem como su-

"Fontainebleau" – 1979 – fotografia

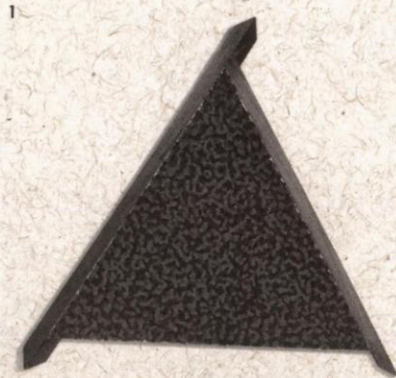


porte da obra pictórica, tomou a paisagem como corpo, pigmento e cor da obra: é a cor natural da montanha, dos minérios oxidados que vai corporificar a pintura, tornando-a paisagem.



"Na mina de caulim" – 1980 – fotografia

Paralelo a esta pesquisa de fabricação dos pigmentos, começo a construir chassis, intervindo sobre eles, criando formas totalmente diferenciadas. Acresci a estas construções em madeira a fragmentação do suporte com a qual já trabalhava em Paris. À medida em que ia adquirindo técnica trabalhando a madeira, fui ampliando meu repertório chegando às obras que faço atualmente, que são relevos de parede e construções escultóricas onde o espaço é incorporado visualmente ao trabalho como um espaço orgânico que interage e dinamiza a obra. O ir e vir entre o bidimensional e o tridimensional nutre as obras e lhes dá significado.

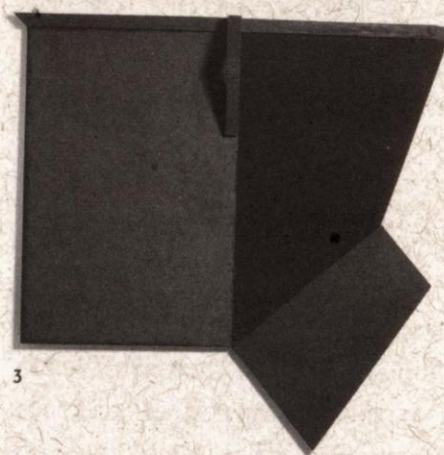


2



O meu método de trabalho passa sempre por um projeto, que é um desenho e às vezes um protótipo a partir do qual construo a obra. Mas nem todos são realizados no momento em que são concebidos. Permanecem como arquivo ou referências às quais retorno em busca de latitude e rumo.

"47/83" - 1983 - pigmentos sobre tela e madeira - 160x145x3 cm
 "4/97" - 1997 - pigmentos sobre madeira - 220x100x8 cm
 "9/85" - 1985 - pigmentos sobre tela e madeira - 158x168x15 cm



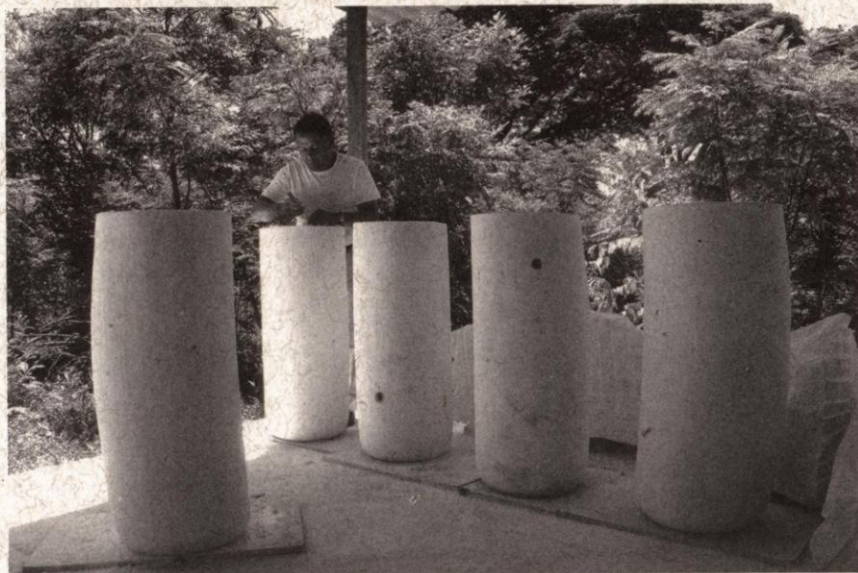
O material básico das minhas esculturas é a madeira, aquela madeira do chassi. Foi a partir desse material que comecei a construir triângulos, quadrados, curvas, arcos, que foram sendo acoplados uns aos outros. Esta obra por partes, fragmentada, nasceu no meu ateliê em Paris que era tão pequeno que não permitia construções maiores. Estes fragmentos ao saírem do ateliê eram reagrupados, montados permitindo criar novas entidades o que acabou se tornando uma marca da minha linguagem, o processo de criação do trabalho.



"26/96" – 1996 – pigmentos sobre madeira – 100x35x8 cm

A arte para mim é uma questão de experiência, de vida, pois artistas não fecham portas, vão absorvendo informações, estabelecendo correlações e vivências, recontextualizando a vida.

"5/2005" – 2005 – mármore e chumbo – 100x40x40 cm. Cada peça



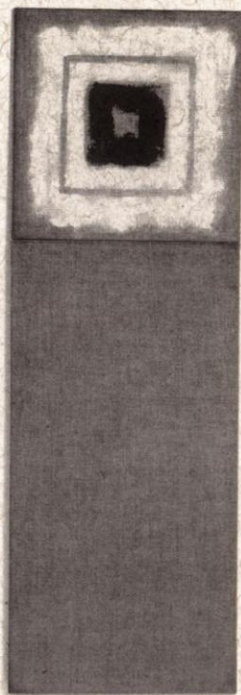
Debate e Perguntas

Manfredo, gostaria que você discorresse sobre essa oportunidade singular - nem sempre possível - que é a de termos o próprio criador (o artista) falando sobre o processo construtivo de sua obra. Tal fato nos propicia uma aproximação muito mais ampla e crítica da sua produção, de sua obra, do que a visão/leitura da mesma seja na galeria, no museu, no livro de arte.

O mais interessante de eventos como este é colocar realmente o artista em contato com o público sem intermediações críticas, curatoriais ou jornalísticas. Isto propicia um embate direto e o artista pode perceber como seu trabalho é recebido, independente de ser o público leigo ou altamente informado sobre arte contemporânea. Como existe hoje uma enorme cumplicidade e jogo de interesses entre críticos, curadores, galerias, artistas e colecionadores, sair deste circuito é altamente benéfico para todos.

17

s.t. - 1976 - tinta acrílica sob tela - 100x50 cm



7/92 - 1992 - pigmentos sobre madeira - 90x55x3 cm

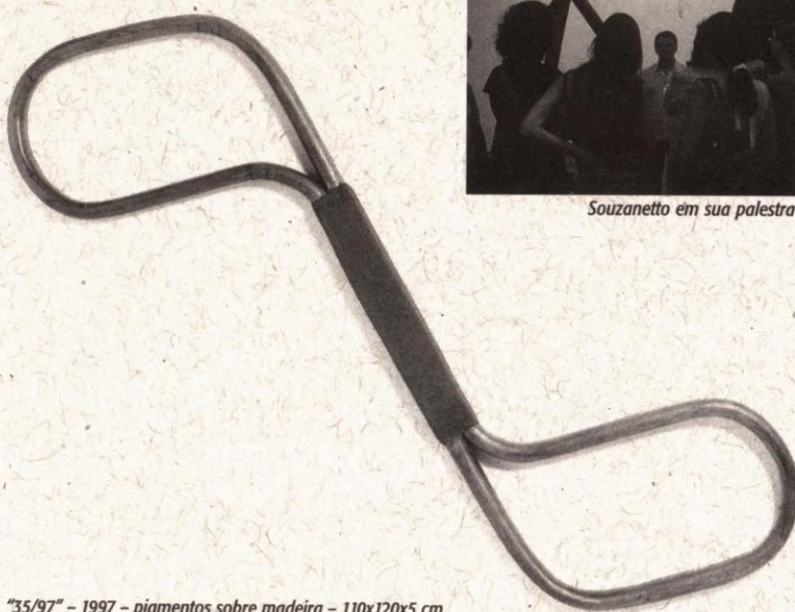


Manfredo, em sua obra a matéria tem uma presença - quase sempre - muito acentuada. Percebo essa matéria - filosoficamente - como lugar, espaço geográfico uma quase memória ou mesmo memória das coisas e das paisagens e dos fatos (a paisagem de Minas, a terra, a cerâmica da França). Estou equivocado em estabelecer essas conexões?

Não, pois como disse na explanação inicial minha primeira exposição chamou-se "Memória das coisas que ainda existem" e ela falava de um lugar específico, de um espaço geográfico determinado: as montanhas do Quadrilátero Ferrífero de Minas Gerais. Isto para mim é um marco inicial que vai determinar o desenvolvimento posterior do meu trabalho. É a memória da paisagem, agora em sentido mais amplo, que vai informar e balizar minha criação posterior. É sua matéria, suas cores, seus componentes (pedras, paus, horizontes), seu corpo físico como suporte que me permitem elaborar e criar minha obra. Mesmo quando fui para a França em 1999 levei pigmentos feitos com terras mineiras para dar cor as esculturas em porcelana que fiz.



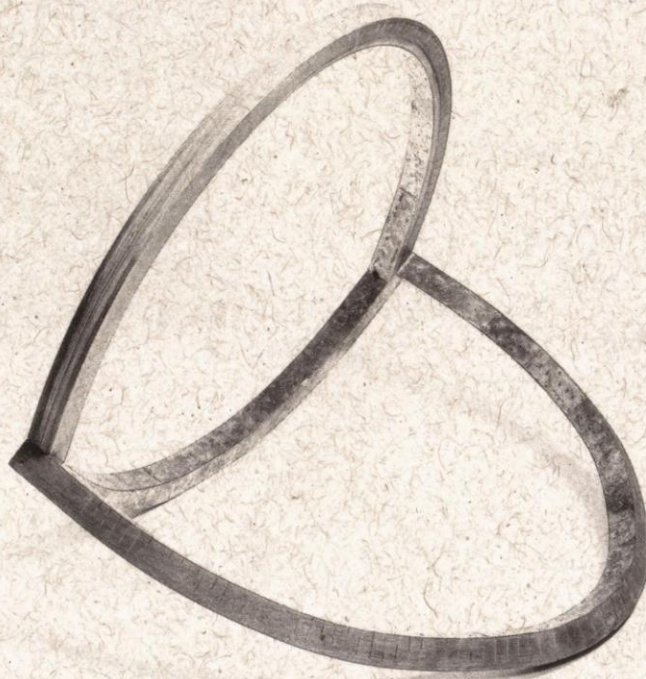
Souzanetto em sua palestra no MNBA



"35/97" - 1997 - pigmentos sobre madeira - 110x120x5 cm

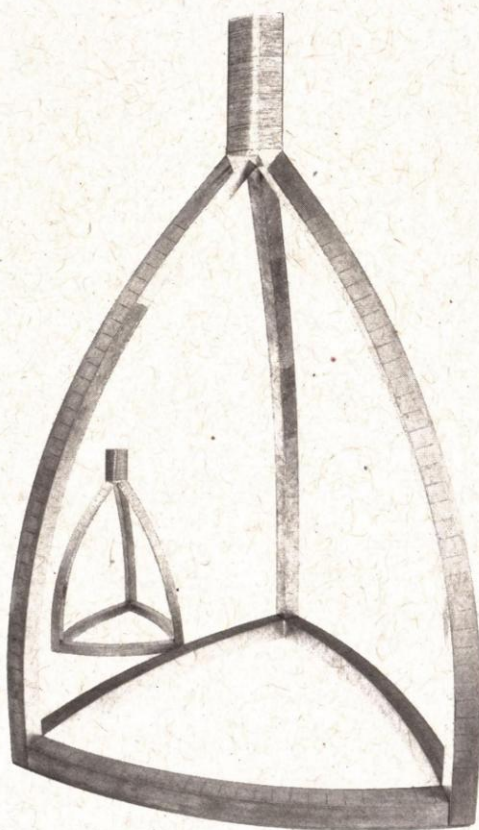
Reconheço elementos de uma ancestralidade africana - elementos de uma matriz africana - presente em momentos de sua obra. O que você diria?

Eu nunca me detive muito a respeito disto, mas existem elementos formais que podem veicular meu trabalho a certos aspectos da escultura africana. O que não é de se espantar tendo em vista que a África é uma das matrizes essências da formação cultural brasileira.



Qual o seu princípio de construção da obra - embora saibamos que não há um único -, mas de uma forma mais abrangente, como se dá o seu processo? É a própria obra que vai apontando sua pesquisa e a direção para onde se encaminhará ou, é o um projeto/esboço é o primeiro movimento?

O início de cada obra é sempre um rabisco, um esboço que vira um projeto e desemboca na execução de alguma peça. Mas desenhar para mim é um exercício constante, funcionando o desenho como um instrumento de busca, trabalho e descobertas. O acaso, a intuição e posterior reflexão encaminham a direção e pesquisa por onde a obra envereda. Há o repensar, o voltar atrás, o desviar-se, o retroceder. Enfim este vai e vem que faz o cotidiano, a angústia e o prazer da criação.



Souzanetto em seu atelier

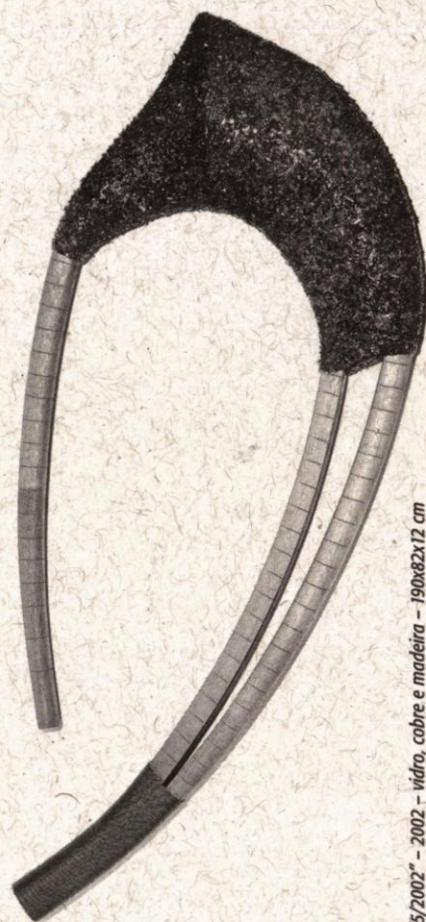
"5/2006 e protótipo" – 2006
cobre e madeira – 237x134x134 cm

Uma obra em uma instituição como o Museu é percebida/lida por diversos públicos - seja da pessoa mais sofisticada intelectualmente, quanto por aquela que vem pela primeira vez ao Museu. O que você gostaria - numa situação idealizada - que a "leitura" de uma obra sua, sobretudo a que temos exposta em galeria, não escapasse ao olhar desses públicos diversos, o que nela é preponderante?

O mais interessante é que as pessoas procurassem olhar a obra sem *a priori*, percebendo nela não só seu aspecto formal como também o diálogo que ela estabelece com o espaço que a define, seu volume, sua artesanabilidade, o entendimento dos materiais que a constituem e o que ela traz em si como carga cultural e poética.

Percebo em suas obras um rigor e uma construção cerebral muito presente. Estou correto?

Em parte, sim. Acredito que este rigor formal faça parte intrínseca da minha pessoa; certa gravidade advinda de parte do meu sangue indígena e da minha formação mineira. A aridez do Vale do Jequitinhonha me impôs contenção e método. A escassez gerando estratégias de sobre-vivência e economia formal que acabaram desembocando em uma construção contida e despojada de ornamentos. O rigor da simplicidade.



"5/2002" - 2002 - vidro, cobre e madeira - 190x82x12 cm

curriculum vitae - Manfredo de Souza Netto

Nasceu em Jacinto - Minas Gerais, em 01 de junho de 1947. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. Estudou na Escola Guignard e na Escola de Arquitetura da UFMG, Belo Horizonte; na Escola Louis Lumière e na Escola Nacional de Belas Artes de Paris e na Escola de Belas Artes da UFRJ no Rio de Janeiro.

Exposições Individuais:

- 1976 Musée de l'Abbaye Sainte-Croix - Les Sables d'Olonne - France.
- 1977 - Cite Internationale des Arts - Paris.
- 1982 - Museu de Arte Moderna - Projeto ABC/Funarte - Rio de Janeiro.
- 1983 - Paulo Figueiredo Galeria de Arte - São Paulo.
- 1986 - Galeria São Paulo - São Paulo.
- 1988 - Galerie l'Aire du Verseau - Paris.
- 1990 - Galeria Anna Maria Niemeyer - Rio de Janeiro.
- 1994 - Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian - Lisboa.
- Módulo Centro Difusor de Arte - Lisboa.
- 1998 - Le 19, Centre Regional d'Art Contemporain - Montbéliard - France.
- 2000 - Musée National de Porcelaine Adrien-Dubouché - Limoges - France.
- 2001 - "Diálogo" com Marco Tulio Rezende - Centro Cultural Light - Rio de Janeiro.
- "Manfredo de Souza Netto" - Museu Alfredo Andersen - Curitiba.
- 2004 - Os amigos da gravura - Museu da Chácara do Céu - Rio de Janeiro.
- 2005 - Instituto Moreira Salles - Belo Horizonte e Poços de Caldas.
- Centro Cultural Usiminas - Ipatinga - MG.
- 2006 - Instituto Moreira Salles - Rio de Janeiro e São Paulo
- "Paisagem da Obra" - Centro Cultural Correios, Rio de Janeiro; Caixa Cultural, Brasília e Palácio das Artes, Belo Horizonte.
- 2007 - Kulturtorget - Stavanger - Noruega.

Exposições Coletivas:

- 1970 - Primeiro Encontro da Vanguarda Brasileira: "Do Corpo à Terra" - Belo Horizonte.
- IV Exposição Jovem Arte Contemporânea - Museu de Arte Contemporânea - São Paulo.
- 1973 - XII Bienal Internacional de São Paulo.
- 1974 - Panorama da Arte Atual Brasileira - Museu de Arte Moderna - São Paulo.
- 1976 - VIII Festival Internacional de Pintura - Cagnes-sur-Mer - France.
- Arte / Agora I-Brasil 70 / 75 - Museu de Arte Moderna - Rio de Janeiro.

- Panorama da Arte Atual Brasileira - Desenho - Museu de Arte Moderna - SP
- 1977 - Images / Messages d'Amérique Latine - Villeparisis et Grenoble – France.
- 1ª Foire Internationale d'Art Contemporain - Grand Palais – Paris.
- Travaux sur papier/objets - Centre Culturelle de Villeparisis – France.
- 1979 - Le Tondo de Monet a nous jours - Musée de l'Abbaye Sainte-Croix - Les Sables d'Olonne.
- 1981 - Foto/Idéia - Museu de Arte Contemporânea - São Paulo.
- Do Moderno ao Contemporâneo - coleção Gilberto Chateaubriand - MAM - Rio de Janeiro.
- 1983 - XVII Bienal Internacional de São Paulo.
- Panorama da Arte Atual Brasileira - Museu de Arte Moderna - São Paulo.
- 1984 - Retrato e Auto-retrato da Arte Brasileira - Coleção Gilberto Chateaubriand - Museu de Arte Moderna - São Paulo.
- 1985 - Destaques da Arte Contemporânea Brasileira - Museu de Arte Moderna - São Paulo.
- 1987 - Modernidade - l'Art Brésilien du Xxème Siècle - Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris.
- Ouverture Brésilienne - Credac - Ivry-sur-Seine – France.
- 1988 - UNESCO - 40 Artistes - 40 Ans - 40 Pays - Palais de L'Unesco – Paris.
- Modernidade-Arte Brasileira do Século XX - MAM - São Paulo.
- 1989 - 20º Panorama da Arte Atual Brasileira - Museu de Arte Moderna - São Paulo.
- 1993 - 4 X MINAS - Museu de Arte Moderna, Rio de Janeiro - Palácio das Artes, Belo Horizonte e Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo.
- 1994 - 4 X MINAS - Museu de Arte da Bahia, Salvador.
- Brasil Bienal, Arte do Século XX - Bienal de São Paulo.
- 1995 - Workshop / 95: Brasil/Alemanha - Museu de Arte Moderna / Goethe Institut - Rio de Janeiro.
- 1996 - No Limite da Forma - Paço Imperial, Rio de Janeiro - Casa das Rosas, São Paulo
- Palácio das Artes, Belo Horizonte.
- 1998 - No Limite da Forma - ICBRA /Bahnhof Westend – Berlim.
- 2002 - Coleção João Sattamini, Instituto Cultural Tomie Ohtake, São Paulo, SP.
- 2003 - "Arte em Diálogo: artistas brasileiros e noruegueses" – Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
- 2005 - Arte Brasileira Hoje, Coleção Gilberto Chateaubriand – MAM, Rio de Janeiro.
- Amalgames, l'Art Brésilien Contemporain – Musée de l'Hôtel Dieu – Mantes la Jolie – France.
- 2007 - Ortodoxos/Heterodoxos – Le 19 Centre Regional d'Art Contemporain – Montbéliard – France.

Referências Bibliográficas:

- Carlos Drummond de Andrade: "Olhe Bem as Montanhas", *Jornal do Brasil*, 10/07/1975.
- Roberto Pontual: "Arte Brasileira Contemporânea", Coleção Gilberto Chateaubriand.
- Jeannine Warnod: "Manfredo", *Le Figaro*, 20/01/1976.
- Roberto Pontual: "Manfredo da montanha à mortalha", *Jornal do Brasil*, 15/07/1977.
- Maria do Carmo Arantes: entrevista, *Diário do Comercio*, 06/1977.
- Olívio Tavares de Araújo: "Rumo à tela", *Revista Veja*, 10/07/1977.
- Antonio Dacosta: "Pintores do Brasil em Paris", *O Estado de São Paulo*, 11/12/1977.
- Eryck de Rubercy: "Le lieu de l'absence", *Artitudes International*, 11/1977.
- Sylvie Dupuis: "Mémoire de la montagne", *Art Press International*, 03/1978.
- Manfredo de Souza: "Déconstruction naturelle d'une proposition plastique", *Art Press*, 08/1979.
- Geraldo Edson de Andrade: "Manfredo", *Revista Isto É*, 16/03/1980.
- Roberto Pontual: "Impressões e vestígios", *Jornal do Brasil*, 07/03/1980.
- Fernando Cerqueira Lemos: "A natureza como suporte", *Folha de São Paulo*, 24/08/1980.
- Sheila Leirner: "Dialogo poético", *O estado de São Paulo*, 24/08/1980.
- Stefania Brill: "A pintura, um suporte para a arte fotográfica", *O Estado de São Paulo*, 27/08/1980.
- Wilson Coutinho: "A cor da terra", *Jornal do Brasil*, 01/10/1982.
- Marcus de Lontra Costa: "Terra à vista!" Ou "Olhe bem as Montanhas", *Revista Módulo*, Edição 74/83.
- Alberto Beuttenmüller: "A natureza na tela", *Revista Visão*, 11/04/1983.
- Olívio Tavares de Araújo: "Só para os happy few", *Revista Isto É*, 13/04/1983.
- Gilberto Cavalcanti: "O fantasma do corpo perdido", *Colóquio Artes*, Lisboa, 03/1984.
- Frederico Moraes: "Manfredo de Souza Netto na César Aché - Minas e Gerais, duas realidades", *O Globo*, 31/08/1984.
- Roberto Pontual: "Entre dois séculos", Coleção Gilberto Chateaubriand, 1987.
- Philippe Cyroulnik: "Manfredo de Souza Netto", *Opus International*, 07/1988.
- Fernando Cocchiarale: "Souza Netto, geometria informal", *Revista Galeria N° 15*, 1989.
- Roberto Pontual: "La peinture de l'Amérique Latine au XXème Siècle", Éditions Mengès - Paris/1990.
- Dominique Le Bihan: "Manfredo, à mon estime" - Catálogo - 1997.
- Philippe Cyroulnik: "Entrevista", Catálogo editado pelo Le 19 Centre Regional d'Art Contemporain de Montbéliard - 1998.
- Philippe Cyroulnik: Catálogo - Musée National de Porcelaine Adrien-Dubouché - 2000.

Prêmios:

Aquisição, no III, V e VI Salão de Arte Contemporânea - Belo Horizonte.
Aquisição, no I, II e III Salão Global de Inverno - Belo Horizonte.
Pintura, no III Salão de Arte Jovem - Santos.
Estímulo, no IV Salão do Artista Jovem - Campinas.
1º Premio, Bolsa de Estudos em Paris, no V Salão de Arte Universitária - Belo Horizonte - 1974.
Aquisição, no I e II Salão Paulista de Artes Plásticas e Visuais - São Paulo.
Gustavo Capanema, melhor conjunto de obras no III Salão Nacional de Artes Plásticas do MEC Rio de Janeiro.
1º Prêmio de pintura, no VIII Salão Nacional de Arte - Fortaleza.
Victor Meirelles, no V Salão Nacional de Artes Plásticas do MEC - Rio de Janeiro.
Aquisição, no III Salão Paulista de Arte Contemporânea - São Paulo.
Prêmio de viagem ao exterior, no VIII Salão Nacional de Artes Plásticas do MINC/FUNARTE, Rio de Janeiro - 1986.

Foi publicado pela Editora Contracapa, em 2006, o livro Paisagem da Obra, sobre seu trabalho com textos de Agnaldo Farias, Philippe Cyroulnik e Paulo Herkenhoff e um pequeno livro com entrevista sua, pela editora C/Arte, na coleção Circuito Atelier.

Obras em Museus e coleções:

Museu de Arte de Belo Horizonte.
Musée de l'Abbaye Sainte-Croix - Les Sables d'Olonne - France
Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro
Coleção Statoil - Noruega
Fond National d'Art Contemporain - France
Instituto Cultural Itau - São Paulo
Instituto Moreira Salles - Rio de Janeiro
Pinacoteca do Estado de São Paulo
Museu Nacional de Arte Moderna do Rio de Janeiro - Coleção Gilberto Chateaubriand.
Museu de Arte Moderna de São Paulo - Sala Paulo Figueiredo.
Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.
Museu de Arte Contemporânea de Niterói - Coleção João Satamini - Rio de Janeiro.

Foi bolsista da Universidade Federal da UFMG em Paris 1975/1977 e do Governo Frances 1977/1979.

Foi artista residente no Museu de l'Abbaye Sainte Croix de Sables d'Olonne, França e na Escola de Arte e Design de Limoges, França.

Museu Nacional de Belas Artes

Diretora

Monica Figueiredo Braunschweiger Xexéo

Gabinete da Direção:

Sheila Salewski (chefe)
Celeste Campos
Janayna Oliveira Braga
José Antonio Patané Filho (apoio)
Jovelino Roque Filho (apoio)
Lusia Soares (apoio)
Robson Simões de Carvalho (apoio)
Zuzana Paternostro

Assessoria de Imprensa:

Nelson Moreira Junior (chefe)
Nathalia de Souza Machado
Hortênsia F. Azeredo Costa (estagiária)

Divisão Técnica:

Laura Maria Neves de Abreu (chefe)
Jane Lúcia Vieira Ritter (museóloga assistente)
Bárbara de Mello Sarmiento
Altair Raimundo Dantas (apoio)

Seção de Pintura Brasileira:

Pedro Martins Caldas Xexéo (curador)
Cláudia Regina Alves da Rocha

Seção de Pintura Estrangeira:

Yara de Moura (curador)
Adriana Mattos Clén Macedo
Carlos Henrique Gomes da Silva

Seção de Escultura:

Mariza Guimarães Dias (curador)
Alexandre Henrique Monteiro Guimarães

Gabinete de Gravura:

Laura Maria Neves de Abreu (curador)
Amanda Cordova F. Gomes
Eliane Vilela Antunes
Marisa Rodrigues

Seção de Desenho:

Pedro Martins Caldas Xexéo (curador)
Aline Figueiredo Carreiro

Seção de Arte Decorativa:

Anaildo Bernardo Baraçal (curador)
Amauri Rodrigues Dias
Bruna Latini Lopes Pinto (estagiária)

Simba:

Valter Gilson Gemente

Registro:

Cirlei Gonçalves da Rocha Vianna (chefe)
Vicente Oliveira do Carmo

Biblioteca e Mediateca

Manuel de Araújo Porto Alegre:

Mary Komatsu Shinkado (chefe)
Vicência Lima Mendes
Polyana Suassuna Sales
Márcia Loureiro Pires Rebelo
Jadir Pinheiro de Souza (apoio)
Maria Nilda Moraes Costa
Maria da Rocha Miranda
Verônica de Sá Ferreira (estagiária)

Arquivo Histórico:

Igor Silva Gak

Coordenação de Comunicação:

José Luiz Nunes (chefe)
Edemilson Barbosa (apoio)

Exposições Temporárias:

Cinda Lúcia M. Nascimento de Alcântara
Henrique Guilherme Guimarães Viana
Reginaldo Tobias de Oliveira

Educação:

Rossano Antenuzzi de Almeida (chefe)
Ângela Cirene Teles do Carmo
José Rodrigues Neto

Programação Visual e Gráfica:

Egeu Laus

Áudio e Vídeo:

Jorgival Freire
Sérgio Luiz Souza de Alcântara

Coordenação de Conservação e Restauração

Nancy de Castro Nunes (chefe)
Flavio Martins da Silva Vasconcellos

Reserva Técnica

Nilsélia Maria Monteiro Campos Diogo (chefe)
Alessander Batista de Souza
Jefferson Pereira Nepomuceno
Vinicius Avelino Mendes dos Santos
Cleide Maria da Conceição Martis

Restauração Pintura

Andréa Martha Antunes Maciel Pedreira (chefe)
Larissa Long
Geisa Alchorne de Souza
Valéria de Azevedo Moreira Rivera

Restauração Papel

Nancy de Castro Nunes (chefe)
Valéria Garcia Sellanes

Restauração Escultura

Eli Amaral Muniz (chefe)
Benvinda de Jesus Ribeiro
Adilson da Silva

Divisão Administrativa

Cláudia Lúcia de Souza Moura Santos (chefe)

Financeiro

Mário Luiz Degle Esposte
Delacy de Mello

Recursos Humanos

Cláudia Regina Pessino

Almoxarifado / Patrimônio

João Carlos Campello Esteves
Waldir Luiz Lane

Apoio administrativo

Ana Carolina Gomes Marvila
Carlos Henrique da Costa Correa
Charles André de Oliveira Rangel
Demétrius G. S. P. Soares
Fátima Martingil Loroza
Lúcio Roberto Mello Machado
Luís Carlos Alves Bezerra
Luiz Silva de Mendonça

Mário Luis Pinto Rodrigues
Paulo Roberto da Silva Gomes
Sheila Maria Souza da Silva

Manutenção Predial

Karina Pimentel (arquiteta)
Camille Azevedo Hrusa Bretãs (estagiária)

Apoio Operacional

João Rodrigues
João Batista Silva
Bruno da Silva Fernandes
Luís Carlos Gonçalves dos Santos
Carlos Augusto Lourenço

Segurança Interna

Hindheburgo Alves da Silva (chefe)
Janilson dos Santos Vieira
Evandro Mandu da Silva
Ilmar de Barros Albuquerque
Juvenal da Costa Valadares
Wagner Vasques

Serviços Contratados

Transegur Vigilância e Segurança LTDA - Segurança
UNIRIO Manutenção e Serviços LTDA - Limpeza

Conselho Consultivo do MNBA

Cláudia Lúcia de Souza Moura Santos
José Luiz Nunes
Laura Maria Neves de Abreu
Nancy de Castro Nunes
Nelson Moreira Jr.
Pedro Martins Caldas Xexéo
Rossano Antenuzzi
Sheila Salewski

Associação de Amigos – Pró-Belas Artes

Carlos Roberto Vieira - Presidente
Ivan Coelho de Sá - Vice-Presidente
Cecília Fernandez Conde - Diretora Financeira
Jussara Galleguillos - Assistente
Eliane Nascimento - Apoio



2008 ANO IBERO-AMERICANO DE MUSEUS
ANNO IBEROAMERICANO DE MUSEOS
MUSEOS COMO ALICERCE DE ARMONIA SOCIAL E PLANEJAMENTO
MUSEOS COMO ALICERCE DE CAMBIO SOCIAL Y DESARROLLO



Pró Belas Artes
Programa de Apoio à Arte e à Cultura do Estado de São Paulo

MINISTÉRIO DA CULTURA
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL
DEPARTAMENTO DE MUSEUS E CENTROS CULTURAIS
MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES



Ministério
da Cultura



De acordo com os princípios do desenvolvimento sustentável, esta publicação foi impressa em papel reciclado.

ISBN 978-85-7081-042-7



9 788570 810427